

JOÃO PINTO PEREIRA MONTE IERO

I

Jorge parou o carro debaixo das palmeiras perfiladas como sentinelas vigilantes na foz do Douro. Era um hábito rotineiro estacionar naquele local para os passeios pedonais de fim-de-semana que cumpria, religiosamente, na companhia da mulher. Podia pensar e até decidir que da próxima vez ficariam pelo Castelo do Queijo, pelo Parque da Cidade ou pela Boa-Nova, que tudo não passaria de meras intenções falhadas. No momento da escolha, era aquele o lugar eleito, maquinalmente, visceralmente, como quem respira e disso não tem consciência.

Tantíssimas vezes comentava Inês:

— Nunca vi ninguém como nós na aquisição e manutenção de hábitos! Somos de uma fidelidade total. — não era uma censura, até porque nessa característica se incluía, mas antes motivo de gozo e riso. E é bom quando sabemos rir de nós próprios: descontraí e é terapêutico.

— Tens toda a razão. Mas ainda bem que somos assim. O hábito pode trazer o vício e é por isso que já estou viciado em ti há mais de trinta anos.

Era um sábado de Outubro e o tempo, até ali invulgarmente quente e seco, reconciliara-se com o calendário, a tal ponto que

até as previsões meteorológicas exibidas no Expresso, acabado de comprar, batiam certo.

A chuva miudinha, quase um aerossol suspenso, engrossara e caía agora impelida pela nortada que encaracolava o mar em ondas alterosas retidas a custo pelos novos molhes acabados de erigir. Vingava-se então o vento sobre as palmeiras que resistiam, curvando-se em requebros ondulantes de mulher com as cabeleiras desgrenhadas como medusas.

Os vidros embaciados espessavam a cortina de chuva, dificultando a visibilidade sobre o mar, razão primeira da presença de Jorge e Inês naquele local.

Jorge saiu do carro para comprovar o óbvio mas voltou de imediato, esfregando as mãos, enquanto anunciava:

— Está chuva, vento e frio. Hoje não dá para passearmos, a não ser que isto amaine um pouco. — exprimindo um desejo com pouca convicção.

— Bem, mas ao menos podemos ficar por aqui. Eu adoro o mar, calmo ou bravio, com chuva ou com sol. — afirmou Inês como se revelasse, agora, um segredo todas as semanas repetido.

O rádio sintonizado na “Antena 2”, única estação com direito a ouvir-se, transmitia “La Mer” de Claude Debussy, completando desta forma o ambiente convidativo à reflexão e ao fruir do simples gozo de estarem vivos e juntos.

Inês pegou no “Expresso” e Jorge no *Código da Vinci*, do Dan Brown, de que lia as últimas páginas.

Manteve-se o silêncio entre os dois enquanto a chuva e o vento continuavam, e a música de Debussy acompanhava agora com “Les nuages” e “Les sirènes”, numa feliz coincidência com aquele momento.

Sem qualquer noção do tempo decorrido, Jorge chegara ao fim do livro. Fechou-o, colocou-o sobre os joelhos e passou-lhe as mãos como quem afaça. Tirou os óculos, suspirou fundo, semicerrou os olhos digerindo ainda o final da história, e reatou a conversa:

— Acabei o livro. Muito bem escrito e elaborado. É curioso como ultimamente têm proliferado obras que incluem vertentes cabalísticas, de mistério e de enigmas quase indecifráveis.

— É. Agora também já temos o nosso Dan português.

— Referes-te ao Rodrigues dos Santos?

— Sim.

— Pois é. Eu conheço uma história curiosa, com o seu quê de cabalístico, nem sei como classificar, com a pequena diferença de que não é ficção.

— Estás a falar a sério?

— Estou mesmo.

— Então conta! — Inês dobrou o jornal e preparou-se para ouvir.

II

Stephen Medeiros terminara a sua exposição perante uma plateia rendida e suspensa das suas palavras. Liderava uma equipa de investigadores que explorava o mundo infinitamente pequeno da Física das Partículas e era o progresso dessas investigações, confirmadas umas e hipotéticas outras, que comunicara a colegas e alunos.

Tinha um modo peculiar de o fazer, como quem conta uma história em que as personagens eram os constituintes da matéria, cada qual com o seu carácter e com actividades diferentes dentro da mesma sociedade.

Organizava a apresentação como um compositor fragmentando uma sinfonia em quatro andamentos, do género: *Adagio Molto-allegro, Larghetto, Scherzo, Finale* com Brio, correspondendo à introdução de forma viva, de modo a despertar o interesse logo de início; depois, a exposição mais prolongada e succulenta do trabalho, a que se seguia a parte ligeira e lúdica, entrecortada de considerações de humor, para concluir com um final brilhante, apoteótico, se fosse caso disso e se para tal tivesse o engenho necessário.

Certo é que resultava, e as suas aulas ou palestras eram das mais concorridas, enchendo o anfiteatro de ouvintes atentos e interessados.

Falou do Big Bang, de prótons, neutrões, electrões, neutrinos, quarks, bósons e de toda essa aridez infinitamente pequena, invisível, mas contudo real, que flutua num vazio enorme. “Sim, o comum dos mortais não imagina que o principal componente da matéria e do Universo é o vazio!” — repetia, impressionado.

Avançou com a teoria da ‘assimetria da matéria e antimatéria’, esse infinitesimal desequilíbrio que, após o *Big Bang*, permitiu um pequeníssimo saldo positivo para que a matéria se criasse e não se anulassem mutuamente.

Dissertou sobre o bóson teorizado por Higgs e cuja existência carece de confirmação. “Essa partícula, infinitamente pequena, poderá ser a explicação para entendermos como a matéria se formou e por que razão tem massa. A chave do puzzle! ‘Partícula divina’, como alguns a apelidaram já.” Fez uma pausa longa e balbuciou, aparentemente perturbado, “só não sei se conseguirá explicar a alma...”.

Os aplausos irromperam unânimes e espontâneos. De repente, Stephen sentiu-se ausente. Maquinalmente, agradecia e cumprimentava quem dele se abeirava.

— Parabéns, professor, foi brilhante!

— Obrigado, simpatia sua.

Sentia uma dicotomia, como se o espírito perturbado abandonasse o corpo e pairasse no espaço. Tornava-se espectador de si próprio e receou estar na antecâmara da loucura. Ultimamente, crises depressivas (“deve ser isto a que os médicos chamam ‘stress pós-traumático’”) sucediam-se com frequência preocupante.

— Foi genial, Stephen, como já se esperava!

— Gentileza sua, muito obrigado. “Devo estar com cara de parvo. Não consigo apagar este sorriso estereotipado de idiota.”

— O senhor foi o melhor professor que tivemos! — duas jovens alunas resolviam desta forma o elogio pretendido.

— Oh, tão bonitas, vocês merecem. — respondeu embaraçado, sem encontrar melhor resposta. “Que vergonha, meu Deus. Reagi como um adolescente cheio de acne e inseguro. Que disparate... Quando é que beleza é mérito? Se fossem feias mereciam um

professor incompetente. Que boa altura para estar calado... Mas esta angústia que me invade... Bem, o humor é como a onda que se propaga, sinusoidal. Tem altos e baixos, e neste momento estou no vale. Logo virá a crista da onda. Espero.”

Lentamente esvaziou-se a sala e, quando o burburinho do vozear se dissipou, Stephen recompôs-se.

Aquilo era o resultado dos acontecimentos que tanto o tinham abalado, a Jessica, o pai, e tudo o resto que ainda não havia ultrapassado, admitiu. “Mas tenho vindo a piorar com o tempo. Sinto-me infeliz. Tenho de reflectir. Parar, para poder avançar.”

Levantou-se, passou as mãos pelo rosto, alisou o casaco como se sacudisse um pó invisível e, sobraçando a pasta, saiu em direcção ao seu gabinete, situado noutra edificação.

Passou pelo “Kresge Auditorium”, que admirava pela leveza e linhas arrojadas desafiadoras das leis da Física. Confirmou o programa para aquele fim-de-semana. A “MIT Summer Philharmonic Orchestra”, dirigida por G. Ogata, interpretava: ‘Sonata in f minor’ de Telemann; ‘Serenata K.388’ de Mozart e ‘Fanfare for the Common Man’ de Copland. Comprou um bilhete para o dia seguinte e refugiou-se no gabinete pessoal.

Os pensamentos inquietantes voltavam de novo. Quis afugentá-los, procurando valorizar o que era e o que tinha. Professor do ‘MIT’ — “Massachusetts Institute of Technology” aos 36 anos, principescamente remunerado e com o prestígio bastante para que rumores soprassem o seu nome como possível candidato ao Nobel da Física. Essa pretensão nunca ele a admitira, e considerava até uma pequena maldade de alguns invejosos. Toda a gente sabia que nome citado é nome cortado e, além do mais, sempre considerou o Nobel como prémio de fim de carreira, não de início, ou pouco menos, como com ele acontecia.

Era saudável, boa figura e, no entanto, faltava-lhe a plenitude da vida.

Podia aceitar o convite que lhe fizeram para trabalhar no ‘CERN’ — “Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire” — na fronteira entre a França e a Suíça. O novo acelerador de partículas ‘LHC’ —

“Large Hadron Collider” — estava muito adiantado e, lá para 2007, podia ter a sorte de testemunhar a confirmação do bóson de Higgs. Mudava de ares e isso talvez lhe fizesse bem. A mãe dissera-lhe uma vez: “Não há melancolia que uma viagem através do Atlântico não cure. De barco, com vagar...”.

E, remoendo esta lembrança, adormeceu.

III

O ruído de uma janela mal fechada batida pelo vento despertou-o. Stephen olhou instintivamente para o relógio e surpreendeu-se: eram 18 e 30. Dormira, sentado numa cadeira, mais de uma hora. Ele que até na cama tinha insónias, que não conseguia sequer dormir nas longas viagens de avião, andava agora a dormir pelos cantos! Já tinha lido que tanto a insónia como a hipersónia podem estar ligadas à depressão. Se dúvidas houvesse, elas dissipar-se-iam porque ‘decidira’ que andava deprimido. Levantou-se para regressar a casa.

Stephen residia no outro lado do rio Charles que corre a escassos metros do ‘MIT’ e separa Cambridge de Boston. Fazia há anos o mesmo percurso sempre a pé, reservando o automóvel para os dias de grande intempérie. Dera-se ao trabalho de medir a distância que separava o ‘MIT’ da sua residência. Trabalho não, porque nascera com ele o hábito compulsivo das medições das distâncias, altitudes, número de andares dos prédios, das cadeiras de um cinema, enfim, de tudo o que era contável ou que se pudesse calcular. E como se não bastasse este hábito (que para os outros era vício), deliciava-se com as matrículas dos automóveis, somando algarismos e arranjando para cada letra uma palavra de modo a formar frases com algum sentido. Veio-lhe à memória o dia em que o pai, irritado com “tamanha

parvoíce”, o admoestou chamando-lhe “maluco como o avô Raul”.

— Porquê, pai, o avô era maluco?

— Era, mais ou menos... não sei bem.

— E tu não és, pai?

— Não, não sou. Estas coisas saltam sempre uma geração. Saltou para ti. Ainda és muito criança... não percebeste nada!

O pai nunca lhe explicou a razão de tamanha ofensa. Aliás, raramente falava do passado e da família. “Não gosto de falar de fantasmas”, dizia com frequência.

As palavras podem ser como armas de arremesso, piores que balas ou facas porque não ferem a carne, ferem a alma e, numa criança, de modo indelével. E quando ditas por quem se está habituado a ser acarinhado, ferem mais profundamente.

Que mal havia em saber que do ‘MIT’ a sua casa percorria, exactamente, três quilómetros? Ainda para mais, um Algarismo de que gostava de modo especial: o 3.

Era, agora, o seu *jogging*. Não o fazia a correr, mas em passo estugado e sentia-se bem. Quando estudante em Harvard, e depois no ‘MIT’, ainda praticara remo e, principalmente, o basquetebol, mais consentâneo com a sua altura. Agora, ficava-se pelo caminhar. Iniciava o percurso com a travessia da Harvard Bridge que, quase colada ao Instituto, unia as duas margens, a esquerda, a norte e a direita, a sul, do lado de Boston.

Quando entrou na ponte, sorriu ao ver as marcas pintadas a cores, indicando os *smoots* percorridos. Toda a gente conhecia a história daquelas marcas feitas pela irreverência de estudantes do ‘MIT’, há quase 50 anos. Um deles, de seu nome Oliver Smoot, resolveu inventar uma nova ‘medida de comprimento’ — o *smoot* — que outra coisa não era que a sua altura, por sinal bem pequena para um americano que se preze, — 170,18 centímetros. Como a ponte mede 620,13 metros, ficou estabelecido que o seu “comprimento é de 364,4 *smoots*, mais ou menos uma orelha.”

Conservam-se as marcas, regularmente avivadas nas suas cores, e de grande utilidade, segundo a polícia de trânsito, para os croquis dos acidentes rodoviários.

Como é que o pai pôde apelidá-lo de ‘maluco’? Aquilo era a prova do desejo que o homem sempre teve em medir as coisas desde tempos imemoriais. Não foi Protágoras que, há 2500 anos, afirmou que “o Homem é a medida de todas as coisas”? E as medidas antropométricas aí estão: polegada, pé, palmo, jarda, côvado, passada, braça, vara, milha... mais as que não se recordava de momento.

Sentiu um arrepio de frio e levantou a gola do casaco, tentando proteger a garganta. Eram os primeiros dias do Outono e a temperatura caíra para valores desconfortáveis, agravada pela brisa muito fresca que soprava do Atlântico.

“Tenho que me agasalhar como toda esta gente.” — e olhou para a multidão de pessoas em movimento lembrando um formigueiro, com a diferença que em lugar dos encontros rituais das formigas, havia apenas brutais encontros.

Parou na marca dos 200 *smoots* — mais ou menos a meio da ponte — e observou a margem sul. A silhueta de Boston, ao entardecer, era grandiosa. Os prédios de muitos andares sucediam-se numa linha quebrada de encontro a um céu carregado de grossas nuvens escuras sopradas de leste. Dois arranha-céus destacavam-se no horizonte: um, quase diametralmente oposto ao ‘MIT’, era a “Prudential Tower” (Stephen sabia isso) de 52 andares e 229 metros de altura; o outro, mais para leste, a “Hancock Tower” com 241 metros e 60 andares empilhados.

Desde a derrocada das ‘Torres Gémeas’ de Nova York, no ano anterior, que haviam encerrado os andares destinados às visitas turísticas para observação da cidade, lá do alto.

Por diversas razões, a “Prudential” era-lhe especialmente familiar e, ao vê-la, lembrou-se que tinha de falar com o Dr. Murray, que o convocara já por duas ou três vezes. Fá-lo-ia, sem falta, na semana seguinte.

O sol, que já descera a poente e se escapara ao tecto cinzento e nebuloso, iluminava agora a cidade com uma luz intensa, dourando o amarelo da folhagem e envernizando os castanhos e vermelhos dos plátanos, liquidâmbares e carvalhos plantados ao longo das duas margens. Os arranha-céus derramavam sombras alongadas

que se quebravam nos prédios mais baixos, como projecções de sólidos geométricos nos planos acima e abaixo da ‘Linha de Terra’. O rio deslizava célere, parecendo querer arrastar, em vão, as imagens reflectidas à superfície.

Voltou-se para norte e confirmou a grandiosidade do ‘MIT’, com a grande cúpula encimando a monumental colunata precedida pelo verdejante ‘Killian Court’, que lhe emprestava maior imponência e solenidade.

Deu consigo a pensar que aquela ponte ligava, ou separava, o passado e o futuro, ambos desconhecidos e inquietantes, e recordou-se novamente do pai, quando desabafava no seu português coloquial — “estou como o tolo no meio da ponte”! Percebia agora, com exactidão, o significado daquela expressão.

A brisa tornara-se mais fria e Stephen apressou o passo até atingir a margem, virando à esquerda pela Avenida Storrow e parando logo adiante, na “Esplanada do rio Charles”, para uma bebida quente. Um casal de namorados, indiferente ao frio, permanecia cá fora na esplanada deserta. Todos os clientes se encontravam no interior envidraçado, com vista directa para o rio. Stephen entrou, escolheu uma mesa voltada para o ‘Charles’ e aguardou a vinda do Pepe, um hispânico de Porto Rico, que habitualmente o servia.

— *Buenas tardes*, professor Medeiros. Que vai tomar?

— Um cacau bem quente e um scone, por favor. Estou gelado.

— É, este ano vamos ter Inverno rigoroso, parece-me.

— Gosto de ver o rio quando gela. Em miúdo patinei algumas vezes sobre ele. É quase irreal!

— *Es muy bonito*, mas eu prefiro climas mais amenos. — e afastou-se para aviar o pedido.

Quando regressou, Stephen surpreendeu-o:

— Pepe! Você acha que eu tenho cara de louco?

Depois do espanto que a pergunta causara, deu uma gargalhada sonora e respondeu:

— Que pergunta, *hombre!* *Usted* tem o ar de pessoa culta, distinta e inteligente, próprio de um professor universitário e, no entanto, tão simples, nada vaidoso, falando comigo como se

fôssemos companheiros de escola.

— Obrigado, Pepe, não somos colegas de escola mas somos colegas da vida.

Estamos todos no mesmo barco, entende?

— Claro que sim! — e num tom quase familiar, como quem revela um segredo ou dá um conselho, colocou ao de leve uma mão no ombro de Stephen e sussurrou:

— O que eu tenho reparado é que o senhor anda com ar mais preocupado, talvez excesso de trabalho? Meta uns dias de férias e mude de ares. Aceite a sugestão de um estúpido. Vai ver que resulta.

Como uma conversa banal e um gesto afectuoso de uma pessoa humilde e simples como o Pepe o havia reconfortado. E enquanto saboreava o lanche, folheou um jornal esquecido deixado numa mesa ao lado. No interior, ocupando a totalidade de uma página, a publicidade aos novos televisores de alta definição e plasma despertou-lhe a atenção. O autor do anúncio usava o slogan “Veja a imagem nas dimensões douradas! Ecrã panorâmico, de 50 por 80,9 cm.”

Tirou a calculadora de bolso e dividiu 80,9 por 50. “Correcto!”: 1,618 — o número phi, a relação dourada que Leonardo da Vinci utilizara nas proporções dos segmentos corporais para desenhar o celebrado “Homem Vitruviano”, Beethoven nas suas obras, os arquitectos no ‘Partenon’ e nas ‘Pirâmides de Gizé’ e numa infinidade de exemplos da natureza. Confirmou, utilizando a conhecida fórmula: $[(\text{raiz de } 5) + 1] : 2 = 1,618$. Pela primeira vez reparou que a sua altura era um arranjo daqueles algarismos — 1,861. Um metro e oitenta e seis, mais uns pozinho, como costumava chamar àquele milímetro a mais.

De repente teve uma ideia. Dividiu os 620 metros da Harvard Bridge pela sua altura e obteve o número 333. Sorriu pensando numa nova medida de comprimento, passando a célebre ponte a medir 333 medeiros, valor bem mais interessante que o obtido com os tais *smoots* do Oliver.

Curioso aquele número que obtivera, mas não dava importância ao facto. Não lhe chamava coincidência, premonição ou superstição.

Preferia designá-lo por singularidade que, em Física, podia também ter outro significado.

Mas, qualquer daquelas medidas era uma enormidade nas suas investigações onde utilizava o ‘micron’, o ‘femto’, o ‘atto’, o ‘zepto’, medidas que fariam uma célula parecer do tamanho de uma galáxia.

Se quando o pai o classificara de ‘maluco’ ele já destas coisas tivesse conhecimento, tê-las-ia dito e o pai ficaria decerto admirado e orgulhoso. Ou, talvez, nem se impressionasse. Era advogado e as leis por que se regia não eram universais e imutáveis como as da Física; eram moldáveis às conveniências, contraditórias, oportunistas.

Arrumou as coisas, deixou uma generosa gorjeta ao Pepe e preparou-se para enfrentar o resto da caminhada. A descida da temperatura associada à brisa marítima e ao nevoeiro espesso que entretanto surgira, tornava o ‘índice de conforto biológico’ quase intolerável.

Subiu a Rua Gloucester, atravessou a ampla e lindíssima Avenida Commonwealth, logo de seguida a mais chique das ruas — a Newbury — e, finalmente, voltando à esquerda, entrou na buliçosa Rua Boylston, onde residia, mesmo defronte da ‘Prudential Tower’, no 3º piso do número 849. “Curioso, oito e quatro, doze, nove fora — 3... Singularidades...

O bafo quente do interior da casa confortou-o. Abeirou-se da janela e, instintivamente, estendeu o indicador direito e, sobre os vidros embaciados, começou a escrever JESS... Parou, e num gesto brusco abriu a mão limpando toda a superfície do vidro.

Detestava sentir-se um Kalimero!

Caíra a noite e a cidade esfumava-se numa aguarela luminosa e colorida.

IV

Naquela manhã estava mais sereno. O repouso do sono revitalizara, certamente, os cansados neurónios.

Desceu à rua, tomou um café e comprou, na florista da esquina, uma rosa vermelha.

— É para oferecer? — perguntou-lhe a sorridente empregada, já de tesoura e celofane nas mãos.

— É. Mas levo-a assim como está, natural. — e agradeceu.

Seguiu directo para a garagem, no piso subterrâneo do prédio. Não era por qualquer capricho ou desejo de se destacar pela diferença, mas sempre tivera carros europeus. Achava-os de linhas mais sóbrias, e apostava na competência germânica. Ali no prédio era o único mas, mesmo no ‘MIT’, era um dos cinco ou seis que por vezes encontrava. Pela opção, ouvira já piadas por parte de alguns colegas, exacerbados de americanismo, a quem respondia, irónico e desconcertante: “são carros mais modestos, mais condizentes com a minha pessoa. Quando for importante, comprarei um Buick, um Lincoln, ou até um Cadillac! Ele sentia, por parte desses colegas, algo de xenóforo pela sua origem europeia. A América tem, também, dessas coisas...

Na verdade, o que o destacava era o seu aspecto físico. Boa

figura, fino trato e aquelas ruivas sardas irlandesas, que herdara da mãe, casando de forma tão peculiar com a tez morena e os cabelos escuros, levemente ondulados, por parte do pai.

Quando estudante, questionavam-no frequentemente sobre a sua provável origem hispânica, sublinhando, pejorativamente, a palavra que ele tanto detestava, preconceituosa e racista. Era o tempo em que se dispunha a retorquir, afirmando-se como exemplo da múltipla nacionalidade: raízes portuguesas, caule irlandês e folhagem americana. “Tenho a bravura de uns, a tradição de outros e o vosso, digamos, modernismo.” E rematava desta forma o dislate.

Não desgostava do apelido materno, embora o pai afirmasse que Ryan era tão vulgar na Irlanda como o Silva em Portugal. Não o dizia por menosprezo, apenas porque assim era na realidade.

Por comodidade, usava apenas o nome e apelido paterno: Stephen Medeiros — SM. Bilingue e maníaco com as siglas, tinham as letras significados diferentes consoante o humor e o momento. E, assim, já significara ‘sua majestade’, ‘sailor man’, (‘sado-masquista’ definitivamente não) e ‘sad man’ frequentemente sim.

Uma vez, nesse passatempo charadístico, juntara as iniciais das suas três nacionalidades e obtivera a palavra PIRA! Esperou toda a tarde pela chegada do pai para lhe perguntar, curioso:

— Pai, PIRA quer dizer alguma coisa em português?

— Que mania tem esta criança. O que é demais é moléstia!

Logo de seguida, e já mais calmo, respondeu-lhe:

— Quer dizer: Foge. Sai!

Ficou com a sensação que o pai aproveitara a tradução para nela incluir uma ordem: “Foge. Afasta-te!” Veria, mais tarde, que não.

Saiu da cidade pelo lado oeste, tomou a auto-estrada 93 até ao cruzamento com a Yankee Hwy que o levou até ao aeroporto de Hanscom em Bedford.

Não dista mais do que 30 quilómetros de Boston e foi a alternativa que arranjou para estacionar o seu pequeno avião, um Cessna C172 Skyhawk, de quatro lugares, uma vez que o movimentadíssimo

aeroporto internacional de Logan, em Boston, não permitia esses empecilhos de aviões de recreio. Bastava-lhe os bandos de gaivotas que enxameiam o espaço aéreo.

Ainda estudante, obtivera o *brevet* sem grandes sacrifícios porque a mesada que recebia (e isso é justo que se diga) era generosa e pontual. Aos 26 anos, já iniciada a carreira profissional, metera-se na compra da sua ‘pequena’ extravagância, o seu brinquedo de fim-de-semana. Quando adquiriu o primeiro carro, já tinha avião há quase três anos o que, não sendo inédito, era pelo menos curioso. Aliás, conhecera outros pilotos com a mesma ordem de preferências.

Stephen estacionou o carro num parque secundário mas com acesso, quase directo, ao hangar onde guardava o Cessna.

Mike, que se responsabilizava pela manutenção do aparelho, saudou-o efusivamente, num tom familiar, quase de ‘cumplicidade’:

— Professor! Há duas semanas sem aparecer... Ah, mas tão florido, temos encontro marcado, com certeza.

— A brincar que o digas, tenho mesmo um encontro.

— Claro, e durante estes quinze dias andou a prepará-lo; está-se mesmo a ver. — sorriu, numa tentativa frustrada de satisfazer a curiosidade.

Stephen manteve-se calado, revelando, desta forma, que a conversa ficava por ali. Colocou a rosa no banco dianteiro do avião e ajudou Mike a empurrá-lo para fora do hangar.

Deu uma volta ao aparelho, como quem se certifica que tudo está em ordem, e confirmou a matrícula pintada na cauda — N 156 FA.

Logo de início arranjava duas expressões para aquelas letras: em inglês, achava adequado que significassem “Never Fly Alone”, o que era uma boa norma para qualquer piloto; em português, não encontrara outra melhor do que “Não Fugas Agora”, o que começara por interpretar como um aconselhamento moderador do entusiasmo dos primeiros tempos. Sabia que em 1927 Lindbergh tinha voado directamente de Nova York a Paris no “Spirit of Saint Louis”, mas desconhecia que o fizera em 30 horas e 30 minutos e a bordo dum aparelho RYAN. Aquela coincidência ou singularidade dos algarismos e do nome, entusiasmava-o a imitar o pioneiro americano e, meio a

brincar, meio a sério, chegara mesmo a tentar convencer Jessica a acompanhá-lo nessa aventura. Bom, não seria bem a mesma coisa. Partiriam de Boston e não enfrentariam a vastidão do Atlântico numa assentada. Iriam até St. John's na Terra Nova, ilha das Flores nos Açores e, por fim, Lisboa — Paris.

Loucuras dos 26 anos e o deslumbramento pela posse de um avião! Fora apenas um devaneio.

Não raras vezes se sentira envergonhado, diminuído até, pela 'necessidade' obsessiva daquelas interpretações. Nunca revelara a ninguém tal fraqueza. Só ao pai, quando era muito jovem, e não se saíra muito bem. De resto, nem à Jessica, nem ao Ari (seu colega e grande amigo brasileiro), muito dado aos candomblés, mapas astrais e quejando.

Voltou a olhar para a matrícula, e não conseguiu evitar outra leitura: "Não Fiques Aqui"! Somou os algarismos: — 3, novamente...

Teve um estremeamento, mas logo se recompôs. "Sou um homem de ciência, bolas! Isto não passa de superstições arcaicas, vá lá, de curiosidades irrelevantes. Nada mais."

Entregou o plano de voo no ATC (air traffic control), instalou-se no *cockpit* e ligou o rádio, depois de colocar os auscultadores. Ouviu então: "Hanscom Airport Information: vento calmo, visibilidade superior a 20 milhas, sem nuvens a menos de 20.000 pés. Temperatura 14 ° C. Altímetro 2992..."

Verificou a *check list* e pediu autorização para descolar.

O controlador mandou-o seguir para a pista 29 e, confirmada a ausência de tráfego, autorizou a descolagem.

Acelerou até aos 70 nós, puxou o manche e subiu suavemente, apenas com uma ligeira turbulência quando iniciou a curva para bombordo, até alinhar o avião para o azimute 100. Continuou a subir até estabilizar nos 2000 pés de altitude.

Estava um dia esplendoroso, com uma visibilidade quase polar. Conseguia distinguir toda a cidade de Boston até às ilhas espalhadas ao largo da embocadura do porto. Só não descortinava, ainda, o local que tinha como objectivo.

Descomprimia-se quando voava. Sentia quebrarem-se as amarras

que o prendiam à terra, aos problemas e conflitos. Estes desapareciam ou diluíam-se na cidade feita paisagem, maquete alinhada e arrumada como casinhas de "Lego" que, se ele quisesse, podiam ser ordenadas de modos diferentes. Ou pegar, entre o polegar e o indicador, naqueles barcos e levá-los directamente do cais até ao mar alto, ou vice-versa. Era a sensação de liberdade e poder, efémeros é certo, mas sentidos e usufruídos.

Sobrevoou Winchester, os pequenos bosques até Somerville e, finalmente, Boston. Reconheceu o prédio onde morava, facilmente referenciado pela "Prudential Tower" que ele, transformado em gigante, poderia transportar numa mão fechada, como se levasse uma garrafa de vidro e aço e colocá-la, por exemplo, em frente ao 'MIT'.

Começou a descer, voou sobre os cais e as docas do porto, a sul do aeroporto, e perdendo altitude passou por Spectacle Island até à zona balnear de Hull. Quando atingiu a costa, rumou a norte e, já sobre o mar, rasando a superfície das águas calmas e profundamente azuis, vislumbrou o que procurava — o Seal Rock — um pequeno rochedo que mal aflorava e deixava à espuma branca que o rodeava a missão de o localizar.

Stephen baixou os *flaps*, reduziu a velocidade ao mínimo indispensável para a sustentação no ar e, rodeando o rochedo, descreveu sobre a esquerda três voltas apertadas, lançando, na derradeira, a rosa vermelha que transportara consigo. Caíra no local onde, há um ano atrás, ele e a mãe haviam derramado, de um pequeno barco, as cinzas do corpo cremado do pai. Deixara escrito o desejo de ser sepultado junto ao rochedo onde sobrevivera ao naufrágio do seu minúsculo veleiro, nos tempos remotos de estudante — Seal Rock, literalmente, o 'Rochedo Secreto'.

Cumprira a missão de uma coéfora grega, transportando oferendas aos extintos da vida. Examinou o GPS e conferiu as coordenadas: 42° 17' norte, 70° 54' oeste. Somou os oito algarismos e exclamou: "Já o esperava!"

Alternadamente, baixou e levantou os lemes de profundidade, virou o leme de direcção para a esquerda e para a direita, como num aceno de despedida ao pai, 'ontem' um homem vigoroso, e agora

morto, apenas uma ausência, apenas uma recordação.

Ainda com os olhos marejados, imprimiu potência ao motor, recolheu os *flaps* e subiu de novo para os 2000 pés.

Preparou o regresso, passando na vertical de Winthrop; rodeou pelo norte o aeroporto de Logan, para onde olhou demoradamente, e 'viu' o menino que fora, de sete anos, a entrar deslumbrado na enorme aerogare pela mão do seu pai.

“As respostas virão ao nosso encontro, se as procurarmos. As pessoas que serão para nós e para quem seremos, estarão sempre à nossa espera num lugar qualquer. Ou virão até nós. Tal como aquilo que nos falta. Num momento qualquer, acontecerão as elipses todas. E aí descansaremos. O detalhe será antever quando é que se conseguiu.

Em que momento é que sentimos que está.

Que sinais, que palavras, que pessoas, que lugares?

Um lugar pode ser isso de parar. Um lugar pode dar as respostas todas. E isso não ser mera geografia.

Fica concluída a cartografia pessoal. Como é que um lugar faz isso? A resposta está nas páginas à frente. No livro aberto que seguramos nas mãos.

Mais um percurso, o que se adivinha. O de começar numa página e avançar. Até ao fim.”

.

do prefácio por Mar Queirós Araújo